

Diário Notícias

01-02-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,6,7,8,9**



22

**Depoimentos
Prioridades no
segundo mandato
do Presidente**



REELEITO Marcelo Rebelo de Sousa venceu as eleições presidenciais com 60,7% dos votos, o terceiro melhor resultado de sempre na eleição de um Presidente da República. E agora, o que fará o Chefe do Estado nos próximos cinco anos em Belém?

Vinte e duas personalidades da vida pública portuguesa apontam o que devem ser as prioridades do segundo mandato de Marcelo, que terá início formal a 9 de março.

A crise pandémica será a preocupação mais urgente do segundo mandato de Marcelo Rebelo de Sousa, que deve empenhar boa parte do seu esforço para ajudar os portugueses – todos os portugueses – a reerguerem-se das dificuldades económicas e sociais potenciadas pela pandemia. A preocupação atravessa parte substancial dos depoimentos das 22 personalidades que elencaram no DN os principais desafios do segundo mandato do Presidente da República. Uma questão que será também decisiva no plano político, como alerta a cineasta Teresa Villaverde, ao escrever que “as dificuldades terríveis” que muitos vão enfrentar nos próximos anos “vão abrir feridas onde poderá entrar a solidariedade de todo um Estado” ou “o sal e o veneno” de alguns. O papel de Marcelo Rebelo de Sousa enquanto travão aos populismos e garante do Estado democrático, assim como o de promotor da estabilidade política, é também destacado.

Mas esta é uma corrida de fundo, a cinco anos, e como refere o arquiteto Gonçalo Byrne é “preciso ir além da urgência”. Nestas duas dezenas de depoimentos isso significa coisas muito diferentes.

Valorizar o conhecimento, vigiar a contratação pública, impor na agenda os temas ambientais e a sustentabilidade, promover áreas como a educação e a saúde, marcar a posição portuguesa no quadro internacional.

Reforçado pelo voto dos portugueses – da direita à esquerda do espectro político – Marcelo Rebelo de Sousa tem pela frente um mandato desafiante, marcado pelas enormes incertezas não só na vida nacional, mas que se estendem também ao contexto internacional. Nas palavras do embaixador Sebas da Costa, resumindo todos os desafios num só: o de fazer, a cada momento, aquilo que o país sentiu como sendo o que era necessário.

SULETE FRANCISCO

PROFESSORA E INVESTIGADORA PRINCIPAL Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa



Livia Franco

Presidente tem importantes competências em matéria de política externa e, nesse ponto, face às dinâmicas internacionais de grande transformação, deve defender um posicionamento português claro e inequívoco. Deve continuar, por um lado, a defender o multilateralismo, o diálogo e a cooperação no contexto geral da ONU e no contexto europeu. Numa altura de pandemia e de certa tendência de fechamento dos países, é importante que Marcelo continue a salientar esses aspetos característicos do modo português de estar no mundo. Tem sido uma preocupação dele, mas será agora mais desafiante fazê-lo. Por outro lado, deve marcar bem que, num contexto de bipolarização do sistema internacional, devemos continuar a falar com a China mas os EUA são o nosso principal aliado estratégico.

ARQUITETO Presidente da Ordem dos Arquitectos



Gonçalo Byrne

As prioridades estão estabelecidas. A crise pandémica é e continuará a ser sanitária, económica e social. São esses os desafios do Presidente. Mas, num mundo em que todos os paradigmas estão em transição, é preciso ir além da urgência. A urgência

Mais cinco anos em Belém: os desafios de Marcelo

que enfrentamos agora é inimiga da sustentabilidade. Sabemos o que foi a política de investimento público até agora seguida na aquisição de serviços de arquitetura e empreitadas de obras públicas. Uma política que só tem em conta os custos imediatos. Falar de sustentabilidade e de resiliência é falar de durabilidade e qualidade. Não é só um problema de contratação pública. É, sobretudo, um problema de gestão pública da contratação pública.

AMBIENTALISTA
Presidência
da ZERO - Associação
do Sistema Terrestre
Sustentável



Francisco Ferreira

Um dos desafios seria o Presidente da República tornar-se embaixador do Pacto Ecológico Europeu. Passar a integrar mais os temas ambientais e de sustentabilidade no seu discurso. Dar relevo a

"O Presidente terá um papel crucial e imprescindível na manutenção da estabilidade política, numa altura em que as assimetrias político-sociais tenderão a aumentar."

Rui Miguel Nabeiro

iniciativas nesta área, visitá-las. Fazer uma presidência pelo ambiente em moldes inovadores. Estimular o debate sobre novas formas de avaliar o desenvolvimento de um país (que não o PIB). Novos modelos de turismo. Ter uma Presidência virada para o futuro, para a integração da neutralidade carbónica, da economia circular, da valorização dos serviços dos ecossistemas e da suficiência como elementos fundamentais da vida coletiva e individual. Cinco anos de transformação rumo à sustentabilidade!

EMPRESÁRIO
Administrador do
Grupo Nabeiro
- Delta Cafés



Rui Miguel Nabeiro

Começo por dar os parabéns ao nosso Presidente da República pela sua releição. Vivemos um momento crítico para o país e um dos maiores desafios das nossas vidas.

A incerteza é a palavra de ordem e gerir na incerteza é muito difícil para todos, mas sobretudo para quem tem de tomar decisões que mexem com a vida de muitas pessoas. É nesse sentido que o papel do Presidente da República Portuguesa será fundamental na liderança do processo de controlo e gestão da pandemia, no restabelecimento da confiança e por conseguinte da atividade económica. Por outro lado, o Presidente terá ainda um papel crucial e imprescindível na manutenção da estabilidade política, numa altura em que as assimetrias político-sociais tenderão a aumentar.

MÉDICO
Coordenador do
Gabinete de Crise da
Ordem dos Médicos



Filipe Froes

A atual pandemia veio confirmar a importância do conhecimento no presente e no futuro de Portugal. O conhecimento que resulta da integração abrangente da informação com o saber pensar e que permite a sustentabilidade da melhoria contínua. Se não soubermos fazer as perguntas certas, nunca teremos as respostas de que precisamos. O conhecimento que ensina a valorizar a cidadania e o investimento na educação, na cultura, na justiça e na saúde, bem como o custo insustentável da ignorância, da incompetência e da corrupção. O desafio para o Presidente da República, mas também para todos nós, é aproximar o conhecimento da decisão. Só há crescimento com conhecimento!

ECONOMISTA
Diretor da Nova SBE



Daniel Traça

É urgente caminhar para o futuro. Com cinco anos a refletirmo-nos dos desmandos que trouxeram a crise; e mais cinco a desfrutar e a distribuir os proveitos da descoberta do nosso charme por turistas e elite internacional, desperdiçamos a década. A bazuca europeia abre nova oportunidade.

Desperdiçá-la porá em cheque a credibilidade do Estado e a própria democracia. Um plano estratégico feito em dois meses não chega. A visão tem de ser partilhada e guiada as políticas económicas e sociais, em vez da troca de favores entre partidos e grupos de interesse. O Presidente pode e deve usar a sua influência na concretização dessa visão. Chega de oportunidades perdidas e gerações desiludidas.

EMBAIXADOR



Francisco Seixas da Costa

Nenhum governo sairia indemne de um trauma nacional como o que foi provocado pelos efeitos económico-sociais desta pandemia. Nesse contexto, um Presidente da República

"Não lhe bastará [a Marcelo] a técnica, que usou com sucesso no anterior mandato; do 'populismo bom'; o presidente Obama também usou essa técnica - e o resultado foi catastrófico."

Inês Pedrosa

relegitimado por eleições tem excelentes condições para ser visto pela opinião pública como um fator de "acalmação" política. Marcelo Rebelo de Sousa pode vir a ficar na nossa história contemporânea como um Presidente que soube fugir à tentação de sair de Belém arbitrando em favor da família política de onde é oriundo sem, para tal, necessitar de ser simpático ou acomodaticio com os socialistas. Necessita apenas de ser percebido pelos portugueses como alguém que, em cada momento, fez aquilo que o país sentiu como sendo o que era necessário.

ESCRITORA



Inês Pedrosa

O grande desafio do Presidente da República neste mandato será o de arrear com firmeza as ameaças ao Estado democrático, à Constituição e aos princípios fundamentais da cultura europeia humanista e humanitária, inclusiva, igualitária, fraterna e livre. Não lhe bastará para isso a técnica, que usou com sucesso no anterior mandato, do "populismo bom"; o presidente Obama também usou essa técnica - e o resultado foi catastrófico, porque, como a atual pandemia demonstra com grande vigor, o mal entra sempre por uma fenda qualquer, e a população mimada pela aparente bondade do populismo meigo facilmente cai nos braços urrantes do populismo bruto, tomando-o por autoridade. O populismo infantiliza; precisamos de um Presidente que ajude o país a tornar-se adulto.



Teresa Villaverde

Sempre me intrigou o desejo de se ser Presidente da República. Acharia mais compreensível se fosse um cargo onde iria parar-se, mais ou menos, acidentalmente. Mas o atual Presidente quis ser Presidente, e estes próximos cinco anos podem ser cruciais para Portugal e para o mundo. Ele tem nas suas mãos uma grande responsabilidade. Telegraficamente, digo que espero que a democracia possa contar com o Presidente, que ele saiba que, vindo da área política de onde vem, está num lugar privilegiado para trazer a direita democrática para o lado certo da História, antes que seja tarde. As dificuldades terríveis que muitos portugueses vão enfrentar nos próximos anos vão abrir feridas onde poderá entrar a solidariedade de todo um Estado e a justiça que todos merecemos ao nascer. Ou, por outro lado, podem deixar-se essas feridas abertas, e onde alguns deixarão sal e veneno. Faz parte da sua responsabilidade contribuir para que isso não aconteça.



Conceição Pequito

Marcelo disse que será "exatamente o mesmo" mas as circunstâncias mudaram completamente. Por causa da pandemia, da "solução à esquerda, que está mais frágil", e da "reorganização do centro-direita" - algo em que "terá de se empenhar", com "um PSD que passe a ir a jogo", visando a construção de "uma alternativa sólida e consistente de centro-direita que trave o Chega". Assim, "a vertente presidencialista do regime irá acenar-se" e a comunicação com o atual primeiro-ministro ficará "bastante mais difícil". E o Presidente estará "extremamente atento ao desafio da transparência e da luta contra a corrupção na afetação dos fundos da UE".

"Um dos desafios seria o Presidente tornar-se embaixador do Pacto Ecológico Europeu. Passar a integrar mais os temas ambientais e de sustentabilidade no seu discurso direto."

Francisco Ferreira



Jorge Reis Novais

O Presidente da República enfrentará o segundo mandato exercendo os seus poderes "da mesma forma que exerceu no primeiro". O exercício, por exemplo, do poder de dissolver o parlamento e convocar eleições antecipadas "estará condicionado pela existência ou não de alternativas" ao governo: "Só pode dissolver se sentir que há alternativa." E à direita Marcelo está condicionado "porque não quer ficar para a História como o Presidente que levou a extrema-direita para o poder". De resto, o PR "será o mesmo de sempre: quando as coisas correrem bem ele estará na primeira linha; e quando correrem mal, demarca-se".



Manuela Mendonça

Gostaria que o Presidente tivesse uma intervenção mais firme nas questões do combate à pobreza e à desigualdade". Portugal é hoje "um dos países mais desiguais da Europa" e essa deveria passar a ser uma sua prioridade. Isso além de "uma atenção mais próxima, com a utilização da sua magistratura de influência,

ao problema da "valorização do trabalho". Também seria de exigir "uma outra valorização do direito à educação", nomeadamente pressionando maiores dotações orçamentais, por exemplo para a "valorização da condição dos professores". "Enfrentamos o risco de ter um problema grave no recrutamento de professores qualificados, pode vir a ser o problema central do sistema educativo".



António Saraiva

Como afirmou no dia 24, o combate à pandemia continua a ser a sua "primeira missão". Em segundo lugar, deverá estar a recuperação. A política económica não é competência sua, mas estará atento e exercerá a sua influência. Em terceiro lugar, nas suas palavras, contribuir para uma "governação forte, sustentada e credível e alternativa também forte, para que a sensação de vazio não convide a desesperos e a aventuras". Mas o desafio em que se revelarão plenamente as qualidades do Presidente da República, a sua intuição política, a sua capacidade de discernimento, a sua coragem, será o dos imprevistos com que inevitavelmente se deparará nos próximos cinco anos.

"Acredito que o contributo [de Marcelo Rebelo de Sousa] na restituição das dívidas das empresas, quando acabar o prazo das moratórias, é fundamental."

Vitor Sobral



Pedro Penalva

O próximo mandato irá colocar o PR perante uma prova duríssima, num dos momentos mais graves das últimas décadas e com sinais claros de fragilidade do regime. Com legitimidade reforçada na votação obtida, a ausência de alternativas governativas e o processo de reconfiguração de forças no panorama partidário irá de algum modo limitar a sua capacidade de intervenção. A estabilidade governativa mantém-se prioritária para o imperativo da recuperação económica e social pós-covid. Será fundamental para enfrentar o desafio da aplicação de fundos europeus ao serviço da agenda de modernização do tecido económico e empresarial, da sustentabilidade e digitalização; e também a necessidade de modernização de um aparelho do Estado que mostrou debilidades e obsolescência na resposta à pandemia.



Alexandre Ferreira

Enquanto presidente da direção da maior e a mais antiga associação do setor automóvel em Portugal, cabe-me saudar o professor Marcelo Rebelo de Sousa, face ao desempenho das suas funções de Presidente da República, amplamente reconhecido nas recentes eleições presidenciais. Nesta oportunidade, pretendemos apelar ao senhor Presidente da República para que se digno, de forma prioritária, reconhecer a importância do movimento associativo, enlevando o papel extremamente relevante, económica e socialmente, desempenhado pelas confederações e pelas associações empresariais, como fatores de dinamização e de sustentabilidade dos empresários e dos profissionais do setor económico que representam.



Isabel Capelo Gil

O PR inicia o mandato num clima de incerteza único na história da democracia e tem à frente quatro desafios. O primeiro é o da questão social, face ao aprofundar da crise pandémica e ao impacto da crise económica. O segundo é a garantia dos princípios basilares do Estado de direito e direitos dos cidadãos - por exemplo, a aprovação da lei de eutanásia sem debate alargado e em tempo de crescimento anormal da mortalidade. Em terceiro, o desafio da retoma. O PR tem um determinante poder de convocar investimento estrangeiro e projetar da imagem de um país confiável empreendedor. Finalmente, este mandato será exercido num momento de crise antecipada do sistema político, reorganização dos equilíbrios partidários e emergência de um voto antissistema, a que deverá estar atento, pois as democracias morrem por dentro.



Vitor Sobral

O Presidente Marcelo é um homem que admiro pelo sentido de Estado que tem, pela postura de criar consensos, por dar pouca importância ao ruído político, que nesta fase tão difícil para o país nada interessa à maioria dos portugueses, em que o bom senso tem de prevalecer. Espero que nos próximos cinco anos, como pessoa atenta que é, dê a atenção que o setor da restauração/turismo precisa e merece. Que compreenda as dificuldades que o setor atravessa, avaliando a situação no terreno. Acredito que o contributo dele na reestruturação das dívidas das empresas, quando acabar o prazo das moratórias, é fundamental. A reestruturação das dívidas à banca é crucial para não criar falências, que por sua vez geram desemprego e não nos deixam ser armas para a retoma.



"[Marcelo] deve marcar bem que, num contexto de bipolarização internacional, devemos continuar a falar com a China, mas os EUA são o principal aliado."

Lívia Franco

HABITANTES DO GOVERNO
Pres. Associação das Vítimas do Incêndio de Pedregal Grande



Dina Duarte

Serão cinco anos repletos de desafios, mas certamente o senhor Presidente contribuirá para que o povo português os ultrapasse, usando os seus poderes e a sua magistratura de influência de excelente diplomata que é. Isto para que a justiça seja eficiente, reflexo de um verdadeiro Estado de direito, em que os cidadãos de revejam; lute pelo equilíbrio social solidário inclusivo em que se reduzam todas as diferenças que a pandemia de covid-19 causou e causará nas famílias e empresas. Clama-se por distribuição justa e célere dos apoios e que os mais frágeis não se sintam excluídos; que o esforço dos profissionais de saúde seja reconhecido; que continue a ser o Presidente dos afetos, os portugueses são afetuosa. Promova a união da nação. E o orgulho de ser Portugal!

MÉDICO
Bastionário da Ordem dos Médicos



Miguel Guimarães

Os próximos anos serão críticos para Portugal, que partiu para a pandemia já em grande fragilidade social, económica e ao nível da saúde física e mental. Devolver a esperança às

personas será um passo fundamental, e isso só será possível eliminando-se barreiras no acesso aos serviços essenciais, como os cuidados de saúde. Sem saúde não há nada. Se não cuidarmos das nossas crianças, dos nossos idosos e da população em geral, seremos sempre uma sociedade incompleta e uma democracia enfraquecida. Acredito, mais do que nunca, que precisamos de pessoas a pensar em pessoas, de atitudes resolutivas, de rostos acima de números, de ações acima de palavras, do país acima da política.

EMPRESÁRIO
Presidente do Câmara de Comércio e da Indústria Portuguesa



Bruno Bobone

Assegurar a credibilidade das instituições e seus representantes, não permitindo situações de imoralidade como se tem assistido, seja na usurpação na distribuição das vacinas, seja no tratamento de imigrantes detidos, seja no forjar de informações para privilegiar pessoas. Na política, promover uma reforma da justiça que permita o seu funcionamento em tempo e em isenção, a par de assegurar a governabilidade, muito difícil com o atual xadrez político, mas essencial à retoma económica, de que tanto vamos precisar, passada a pandemia. Na economia, o controlo sobre a correta aplicação dos fundos europeus e a manutenção da paz social, para que não retomemos o caminho da pobreza tão habitual no nosso país.

"O desafio em que se revelarão plenamente as qualidades do Presidente da República será o dos imprevistos com que inevitavelmente se deparará nos próximos cinco anos."

António Saraiva

ECONOMISTA
Presidente da Federação Portuguesa de Futebol



Fernando Gomes

O atual PR tem sido sensível às questões do desporto e tem reconhecido o seu papel relevante na sociedade e no âmbito dos portugueses. Para o desporto é essencial a magistratura de influência que pode exercer de modo a permitir um apoio a vários níveis e alargado a todas as modalidades. Nesse sentido, é igualmente importante o seu contributo na mensagem de que o futebol deve ser encarado como uma indústria relevante no panorama nacional. Continue a assumir um papel insubstituível de referência ética, nomeadamente na condenação veemente de todos os fenómenos ligados a match fixing, corrupção, violência, xenofobia e intolerância.

EDUCADOR FÍSICO
Presidente do Comité Olímpico de Portugal



José Manuel Constantino

O mandato é marcado pela crise pandémica e pelos resultados eleitorais. O PR tem à frente o maior desafio da sua carreira enquanto principal garante da estabilidade do país para ultrapassar os números devastadores da pandemia, não só no plano da saúde como no económico e social e também no desporto que, ao contrário do que acontece na maioria dos países europeus e das recomendações internacionais, agoniza perante a ausência de apoios extraordinários em ano de Jogos Olímpicos. A gestão política do processo não pode desligar-se de uma leitura dos resultados eleitorais, que acentuaram uma tendência de polarização do eleitorado junto de franjas populistas, apresentando-se como alternativa aos partidos do sistema democrático, com potencial margem de crescimento no contexto atual, obrigando-o a reposicionar o diálogo social – não confinado aos tradicionais interlocutores do sistema político, mas com as organizações mais dinâmicas da sociedade civil.